

AVENTURAS DE PEDRO I

Pedro, um rapaz de seus trinta e poucos anos, ainda solteiro, de porte atlético e que estava em gozo de uma merecida férias, pois, trabalhava em uma multinacional e morava em Nova Odessa, interior de São Paulo, resolveu aproveitar seus últimos dias de descanso para conhecer a grande e pujante metrópole com seus arranha-céus, praças, jardins, centros comerciais, automóveis, frota de taxi, metrô e seus gestos, que a classifica como a quinta maior cidade do mundo.

Pedro desembarcou na Estação da Luz e logo pela manhã caminhou a pé pela avenida Cásper Líbero, seguiu pela rua Santa Efigênia para conhecer o maior centro de eletrônicos, foi até a antiga estação rodoviária e seguiu pela Duque de Caxias para ver a estátua do Duque com sua espada ereta para o alto. Retornou pela Rio Branco, passando pelo núcleo das Motocicletas, rua dos Andradas, Guaianazes, General Osório, retornando à avenida Ipiranga onde foi conhecer a Praça da República com seus expositores artísticos. Sempre com um ar de admiração e atento aos seus pertences, pois, já ouvira dizer muito dos batedores de carteiras, celulares e jóias (bijuteria, claro!). Rodou, rodou e passou pela Barão de Itapetininga para conhecer o Teatro Municipal em seguida a maior Biblioteca de São Paulo; andou mais um pouco pela São Luiz e foi conhecer a famosa Rua Augusta dos cafés, boates, “infernhos”, vitrines, onde, a noite, já fora palco da sociedade Paulistana juvenil. Subiu, subiu e chegou à avenida Paulista, conhecida como “a mais paulista das avenidas”. As horas passavam, mas Pedro nem aí, o dia foi reservado para aumentar seus conhecimentos. Circulou pela avenida até o Paraíso, passando pelo MASP e Trianon; do alto ele enxergava o Ibirapuera; sempre encantado com o que via e pensando numa nova férias para apreciar novos lugares, inclusive conhecer a Catedral da Sé e sua praça, seu sonho de infância. Quando resolveu retornar para a Estação da Luz disse consigo mesmo: “como ainda é cedo vou passar novamente pela Augusta” e descendo a rua, Pedro lembrou da música Rua Augusta, de Hervê Cordovil e cantada por Ronnie Cord, filho do compositor (... descendo a Rua Augusta a 120 por hora...). Após um longo percurso, resolveu passar pelo bexiga para conhecer a Escola de Samba Vai-vai que consagrou-se campeã do carnaval de 2015. Ainda no retorno para a Estação da Luz, já que seu horário estava marcado para as 23 horas, resolveu passar pela rua 25 de março, Mercado da Cantareira e antiga Galeria Pagé, chegando até a rua Florêncio de Abreu, conhecida pelo comércio de ferragens, ferramentas e náutica. Já cansado, Pedro resolveu sentar-se num degrau de uma Loja para descansar as pernas e enquanto saboreava um delicioso Milk shake de Passas ao Rum deparou-se com uma cena inusitada: “Um caminhão de gás estava estacionado sob uma placa de estacionamento proibido com uma letra E, cortada por um X, indicando que o local é estritamente proibido, mesmo para paradinhas rápidas e mesmo estando com as lanternas alertas ligadas. Não havia ninguém em seu interior, nem motorista nem ajudantes”. De repente aparece um “marronzinho” (guarda de trânsito) já com o talonário na mão e pronto para lavrar uma multa; eis que aparecem os responsáveis pelo Caminhão. O motorista, desengabado, cabisbaixo e que pelo jeito já estava com as desculpas na ponta da língua foi dizendo: “Seu guarda, meu amigo, não vá falar que o senhor vai me multar, foi só um minutinho enquanto fui ligar para meu patrão porque fomos assaltados. Aliás, parece-me que já conheço o senhor: “Lembra-se de um domingo pela

manhã que fui socorrer a sua Tia lá no Jaçanã, que estava sem gás e que tinha que preparar o almoço, macarronada com frango, para seu sobrinho que prometera almoçar com ela? Acredito que seja o senhor, pois, pela descrição dela, de que era um moço bonito, alto, de média idade, cabelos cheios; só pode ser o senhor.. “ O guarda, também desenhado, pediu desculpas, guardou seu talonário e disse: Chispa já daqui, senão, não vou respeitar nem minha querida Titia. Tchau, puxa já o carro, literalmente, ou melhor, o caminhão. Assim termina a estória e Pedro seguiu seu caminho rumo à estação da Luz , ainda com tempo de apreciar a arquitetura e o vuco-vuco das pessoas e embarcar no seu trem que já vinha buzinando de longe.

José Rosa Coelho - Monte Mor - SP